



TONIGHT THE ULTIMATE POETRY

Para que poetas em tempos de terrorismos?, de Alberto Pucheu

Bruno Malavolta | Colaborador

TONIGHT, THE
ULTIMATE FIGHT
ONE MAN AGAINST
THE MACHINE

*frase lida em uma faixa de pedestres
Avenida Paulista, 2011*

tenho a sensação, ao folhear o novo *Para que poetas em tempos de terrorismos?*, de Alberto Pucheu, que navego por abas-velas de um grande navegador em uma *fronteira desguarnecida* entre o tempo cíclico do Socavão, o pseudocíclico do Rio, o arquetípico do poema e o especulativo da *timeline*. Onde, nessa “desordem no corpo e nas coisas”, como ele diria em *A fronteira desguarnecida*, se principia a voz que fala nesses poemas? Dessa poesia, mais que qualquer outra que li, poderia dizer: em nada mais se parece com o que escrevemos no século passado.

Há algum tempo a poesia não recebe uma obra tão polifônica quanto esta de Pucheu, e quero com isso dizer que ela está em busca de inaugurar sua voz em um local ainda inaudito da própria poesia, ainda que por ela cada vez mais buscado. Isso porque não é raro que o leitor de *Para que poetas em tempos de terrorismos?* reconheça uma miríade de poemas, no volume, que já conhecia da própria *timeline* Pucheu, o que significa que a *primeira* coisa a ser apontada em tal poesia é que, aparentemente, o seu *suporte* mudou, e essa é uma mudança *radical*, assim como o *definitiva*, e também *inevitável*.

É claro que todos os poetas hoje se utilizam dos leds para escrever e promover seus poemas. O que tento dizer é que Pucheu tem usado esta nova e singular ocorrência da *página em branco* (“No que você está pensando?”), como uma página em branco piscando diretamente na alma do espetáculo (se aquela *sociedade do espetáculo* de Guy Debord tem alma, essa alma é necessariamente o *facebook*, pois confere ao congelamento do tempo histórico uma narratividade onipresente e inenscapável), ou seja, esse novo gênero hipercontemporâneo, por assim dizer, a *timeline*, para nele inserir seus poemas como um hacker insere um código fonte em um programa de código fechado...

*às vezes, a vontade que dá é não sair
das minhas linhas do tempo, porque, ali,
estranhamente, há pessoas que quebram
a linha do tempo [...]*

... assim como o Neo consegue (através de uma habilidade linguística, diga-se de passagem) ser o negativo da Matrix – um artefato linguístico tão sofisticado quanto a ultramáquina pós-espetacular, mas condensado no *hardware* de um corpo. “No que você está pensando, Alberto?”, assim lhe deve perguntar a espetacular página em branco sem esperar um poema em devolutiva (ou espera?). Radicalizemos a constatação, e veremos que o salto da pedra à pena, da pena à máquina, da máquina ao editor de texto são mudanças de suporte e condições de produção que levaram ao surgimento de novos gêneros; o salto, entretanto, do editor de texto à *timeline*, mal podemos compará-lo ao da voz à pedra, pois que aqui se configura o nascimento de uma nova voz, em um novo tempo, especulativo, para além dos cíclicos e pseudocíclicos de que falava Debord em seu *A sociedade do espetáculo*, de 1967. Um tempo sem tempo em frente de que gastamos grande parte de nosso tempo-corpo.

*aberta à impotência de tudo o que é dado,
com a qual se confunde, aberta à impotência
de todo e qualquer sentido, com a qual
se confunde, talvez a poesia,
aniquilando a cada vez o legível
de um poema e de um sentido qualquer
para recobrá-los a ela, faça uma revolução
permanente, contínua, ininterrupta,
ainda que sem sair do lugar,
ainda que sem sair de um incerto
não-lugar, de maneira imperceptível
e sem alterar praticamente nada,
senão, de novo, a primazia do sentido
ou de um modo de se colocar diante dele.*

Isso porque o poema que se insere dentro da máquina *timeline* se insere, na verdade, em um suporte, ele mesmo, especulativo, espetacular por excelência, o que equivale a dizer que é inoculado dentro do tempo pseudocíclico espetacular sem nenhum tratamento, sem nenhuma mediação, portanto, como sempre costumou haver, entre o poeta e a medula da cultura ocidental que ele costumou embater, mais determinadamente desde o século XIX, ou seja, a falência do projeto filosófico ocidental.

Esse fosso sem fundo onde escorre o hoje é a melhor alegoria que posso fazer dos poemas de Pucheu, neste *Para que poetas em tempos de terrorismos?*, pois que nos fala o poeta:

No me parece, portanto, aqui, que tratemos de uma poesia propriamente antiespetacular, ou seja, uma poesia que vise ao aniquilamento deste tempo especulativo, em uma cruzada ideológica, que ameaçaria o ocorrer de um próprio poema já tão com ela confundido. Senão uma poesia que não pode aniquilar esse especulativo sem aniquilar a si mesma, pois nela a fusão se deu por completo, uma vez que o seu *mais cotidiano que o cotidiano* inaugura-se no exato momento em que consegue paralisar o tempo especulativo. Adentrando o problema por outro flanco, essa palavra se faz revolucionário, no sentido estrito de *poética*, no momento exato que subtrai para si toda a *ordem do discurso da linguagem exterior do estado* e a transforma em seu negativo, poema; este, por sua vez, volta para a linguagem exterior do estado da *timeline* e se transforma em *trojan*, em *carvalho de troia*, em *vírus*.

Isso explica os poemas-defesa, poemas-fala, poemas-relato, poemas-ementa, poemas-etc: não mais a achada na rua tentativa de emular a vida-voz, que permeia vários experimentos na obra de Pucheu, mas um experimento derivado desse e ainda mais extremo, o estúpido kafkiano do cotidiano absurdamente inaceitável de um poeta, construção retórica tão sofisticada quanto o espetáculo, mas concentrada em um corpo antiespeculativo: em uma linha, a batalha linguística de Neo contra a Matrix, uma batalha que, sabemos, sempre foi e será linguística.

Pucheu encontra para si um tempo muito peculiar, ao não prescindir, nele, nem do *agora* epicurista (não estoico, mas epicurista) nem do *lauding* espetacular, e chama a si a responsabilidade revolucionária de colocar a revolução a serviço da poesia, como também tinha entendido Guy Debord e os situacionistas, e não o contrário: a *poesia metaespetacular* de Pucheu tem consciência do absurdo a que se propõe, quando também nos diz:

*[...] lembrando
que os rangidos das modernas alarmas,
contraditoriamente tanto ao comunismo
quanto ao fascismo, que alarmam às guerras
com suas máquinas mortíferas e à responsabilidade
de massificação, com o além
no impasse de nosso tempo, o atual,
entre poesia e revolução,
entre uma impotência afirmada
e uma potência assumida
pra desestabilizar o poder
desgastando por recuo tomá-lo
as coisas como são
para cretá-los? como ir além
no impasse de nosso tempo
em que a revolução não é mais possível
e em que a poesia - ainda - sobrevive?*

Ou seja, uma poesia que exerce seu poder de voz naquele lapso do hoje que Agambem chama de o “Estado” contra o “não-Estado”, ou seja, a “humanidade”, e para quem a expulsão da República cai como uma luva em sua instabilidade que talvez jamais volte a convocar estabilidade alguma. Senão o dever de inocular a si própria no tecido de um *hoje-espetáculo-ja mais-hoje*, no intuito de promover um *desvio* no significativo e significado de um mundo tomado de assalto pela perversão e por aquela *linguagem exterior do estado* que Debord, recuperando os surrealistas, só acreditava poder driblar ao se realizar o “poema necessariamente sem palavras”, como diz em seu *All the king's man*.

O trajeto crítico dessa poesia em busca da palavra poética revolucionária inicia-se, em verdade, com uma certa convocação de um hoje que insiste nas palavras ou mesmo só delas feito, pego pela cauda em seu livro anterior, o *Mais cotidiano que o cotidiano*, em que um hoje antiespeculativo presentifica-se em meio ao congelamento do tempo histórico, para, no seu voo posterior, nesse *Para que poetas em tempos de terrorismos?*, vislumbrar seu próprio aniquilamento na medida em

que vislumbra e emula novamente o tempo especulativo que negou justamente ao dominar o tempo – assim também morreu Neo em sua investida final contra a Máquina.

Não pensamos ter outra direção o poeta pois que, insistimos, nos diz:

é guerra, é guerra, declara o estado, no mesmo impulso colonialista de sempre, é guerra, declaram os estados, favorecendo-se irresponsavelmente a si mesmos, forjando um laço interessado com a opinião pública midiática, quando, no fundo, coloca-se, com a mídia, autoritário, entre uma pessoa qualquer e outra, entre uma pessoa qualquer e a vida e o mundo, entre uma pessoa qualquer e si mesma, escondendo-se ali e ali atuando, eis a guerra, o espetáculo de hoje, o rompimento de todos os laços sociais e de intimidade. eis a guerra.

Ora, sabe o poeta que todo tempo especulativo é um tempo de guerra, que a guerra é, ela própria, especulação que se serve de nossos corpos para dar lastro ao horror, e que se algo merece ser chamado de espetáculo dentro do espetáculo esse algo é a guerra, que retoca a imanência com cores de chumbo e carmim, de forma que a imediatidade sempre prevaleça à dialética, e o espetáculo não perca a sua fisiologia. Imediatidade e anulação do eu: “que vamos para a guerra, é guerra, eis a guerra”.

Para que poetas em tempos da mais perfeita homogeneização espetacular, já que “o último poeta morreu em 1914, ele disse”, ele, o poeta? Eis a atualização da questão que nos dá Pucheu, ao mesmo tempo renovando nossas interrogações sobre o fim do poema e o vislumbre de um novo poema, flor feita de impossível.

Esse, entretanto, não é um livro propriamente ontológico como aquele que parte de uma ontologia – é um livro *metaontológico* assim como é *metaespetacular*. A

tônica deste livro é o OUTRO versus o ESPETÁCULO, não raras vezes encenada e anunciada pelo Estado. E aqui a própria poesia de Pucheu encontra a melhor imbricação ética-estética de seu próprio estilo, na enorme importância da oração coordenada e subordinada para essa poesia, como uma outra frase dentro da frase, uma aposta nas frases e uma aposta no espaço de fala como instante contra o fim do instante, como palavra poética contra a linguagem exterior do estado, o galvanizar os tentáculos em mil outras e outros para que uma voz se construa, se ponha de pé, e diga algo à altura de seu tempo.

Por isso olhamos para Pucheu a falar seu Para que poetas em tempos de terrorismos? no vídeo, talvez gravado no Socavão, passando sobre nossas infundáveis telas, como quem olhar para um corpo que conseguiu, embora igual aos outros, falar a linguagem especulativa da máquina timeline na linguagem epicurista de uma máquina corpo, unindo os tempos cíclico, pseudocíclico, arquetípico e especulativo: coisa a que um hardware-corpo não nasceu para fazer – a não ser o do poeta:

VALE DO SOCAVÃO

I

*Dormem os cames das montanhas,
os ipês, os jacarandás
dormem as pilas, as taras,
os gatos e os cachorros dormem,
dormem os gados, os caridos,
os garões e as saracuras
dormem os macacos e os jacus,
apenas o Pucheu não dorme.*

III

*hoje, heráclito debochava
de mim, mas há dias
em que, no socavão
para lavar a alma
não batia o rio
é preciso terra
e o estorço*